



Estrelas
de açúcar cristal

Érica de Oliveira
(organizadora)



Estrelas
de açúcar cristal*

1.ª edição



Editora Jogo de Palavras
• Alumínio, SP •
2018

© Editora Jogo de Palavras, 2018

“Bem-me-quer... Malmequer... Quem me quer?” © Edih Longo, 2018

“A velha dona Florzinha” © Audelina Macieira, 2018

“Uma razão para existir” © Tatiane Monteiro da Cruz, 2018

“A queda” © Geraldo Trombin, 2018

“Exemplo para a vida” © Wilson Duarte, 2018

“A poesia infantil” © Roque Aloisio Weschenfelder, 2018

“Estrelas de açúcar cristal” © Érica de Oliveira, 2018

Revisão: Érica de Oliveira

Editoração: João Paulo Hergesel

Ilustração de capa: Freepik

Ilustração de folha de guarda: Elena Eskevich

Ilustração de folha de rosto: Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

E86	Estrelas de açúcar cristal / Edih Longo...[et al.] ; organizado por Érica de Oliveira. - Alumínio, SP : Editora Jogo de Palavras, 2018. 48 p. ; 12cm x 18cm.
	ISBN: 978-85-66626-88-9
	1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Sentimentos. 4. Infância. 5. Juventude. I. Longo, Edih. II. Macieira, Audelina. III. Cruz, Tatiane Monteiro da. IV. Trombin, Geraldo. V. Duarte, Wilson. VI. Weschenfelder, Roque Aloisio. VII. Oliveira, Érica de. VIII. Título.
2018-1528	CDD 869.8992301 CDU 821.134.3(81)-34

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Contos 869.8992301
2. Literatura brasileira : Contos 821.134.3(81)-34

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP • 2018
www.jogodepalavras.com

Sumário

Bem-me-quer... Malmequer... Quem me quer?	9
<i>Edib Longo</i>	
A velha dona Florzinha	19
<i>Audelina Macieira</i>	
Uma razão para existir	29
<i>Tatiane Monteiro da Cruz</i>	
A queda	33
<i>Geraldo Trombin</i>	
Exemplo para a vida.....	35
<i>Wilson Duarte</i>	
A poesia infantil.....	39
<i>Roque Aloisio Weschenfelder</i>	
Estrelas de açúcar cristal.....	41
<i>Érica de Oliveira</i>	
Sobre os autores.....	43
Sobre a organizadora	45

Bem-me-quer... Malmequer...

Quem me quer?

Edih Longo

Mamãe nos beijou chorando, pegou sua pequena mala e saiu, olhando-nos pela última vez da porta. Corremos todas para a janela. Ela bateu o portão, entrou no carro e sumiu na garoa fina. Fiquei olhando minhas irmãs sem saber o que falar. Esperando qualquer atitude delas.

Quem me levará agora ao catecismo? Quem abrirá a lata de leite condensado? Quem misturará o achocolatado, ou melhor, quem fará os brigadeiros para a minha festa de aniversário na escola? Quem me explicará com paciência, sem puxar a minha roupa num safanão, sobre as curiosidades do céu que está acima do teto onde dorme minha gatinha Naná?





Quem me ensinará a tabuada? Quem arrumará meus armários separando as roupas por utilidades: as de casa, as de passear e as de dormir. E cada uma com sua cor em suas prateleiras, que são bem ajeitadas como gôndolas de supermercado. Não gosto que misturem nada, assim como não gosto de misturar o arroz no feijão, a carne com a salada. Que me importa se todos dizem que tudo fica misturado na barriga? E que saem como massa fedida?

Meu Deus! Quem me ajudará no banho? Meus cabelos ficarão emaranhados sem os cuidados da mamãe.

Quem fará minha sopinha de letras com aqueles nacos de peito de frango *super*, *hiper*, megatemperados? Deixarei de aprender palavras novas. A mamãe ligava as letrinhas, que se tornavam sílabas (adorei essa palavra!), que se

tornavam palavras, que se tornavam frases, que...
Ai, que sono!

Quem contará uma história para eu dormir? Não quero mais a Gata Borralheira, a Bela Adormecida, a Branca de Neve, a Chapeuzinho Vermelho... Quero aventuras que eu mesma vou criar. Isso já ficou na infância dos meus pais... A primeira que criarei será a da Naná perseguindo a formiga Olga no formigueiro escondido atrás da bananeira no quintal da casa da vovó Isaura.

Mas, quem agora me deixará usar o computador? Como vou escrever? Vou ficar com os dedos cheios de calos. Aliás, quem agora dará as ordens? Até a Nora, nossa empregada, foi embora com essa crise toda, como disse o papai. Será que vai ser a Ângela ou a Malu? São as mais velhas. Ai, meu Senhor, qualquer uma das duas, menos a Duda...



A Duda é o meu medo; é a minha dedonduro; é a luz queimada do meu abajur e é a minha fiscal do Imposto de Renda, só que pior que o leão. Não sei o porquê, mas o papai diz que o seu medo se chama leão do IR. Ir é melhor que voltar, pai.

Filha, IR, aqui no meu caso, significa os impostos que temos que pagar, entendeu? Imposto sobre a Renda. Renda são os salários, os bens, etc., entendeu? Não entendi, mas fingi que.

Papai se esquece de que é pediatra e não economista e adora explicar tudo com detalhes. E se esquece de que sou uma criança. Acho que é porque passa o dia escutando choro e, quando chega em casa, a gente é que se ferra. Vou amadurecer na marra, como fruta enrolada em jornal.

Mas, voltando aos olhos da Duda... Onde olho, os olhos dela estão lá. Mesmo de costas,

sinto os olhos dela na minha nuca. Nossa, perdi até o sono... O papai nunca saiu sem me dar um beijo e, por causa dela, ontem aconteceu isso. Não é que desgoste de minha irmã, não, mas é que...

Deixa ver se eu explico melhor para o Senhor não pensar que sou na historinha a bruxa da maçã. Engraçado, nas histórias a maçã parece mais importante que as princesas, né?

Quando disse na aula de catecismo que a Eva também era uma bruxa, o padre disse que isso era pecado. Mas não foi ela quem fez o Adão comer a maçã? Tudo bem que não estava envenenada, mas isso é coisa de bruxa, não é?

Nossa família é um pouco complicada, porque somos cinco meninas e a única que é irmã de todas sou eu. Preste atenção, Senhor, porque, senão, nem com todos os seus poderes o Senhor vai entender e ainda vai ficar chateado com os meus pais.





Meu pai – Marcos – era viúvo e tinha duas filhas, a Malu e a Duda. Ele era pediatra de duas outras meninas, que se chamam Ângela e Carol. A mãe delas – Alice – era separada. Até aí tudo normal, né?

Aí é que o Senhor se engana... Os dois se casaram e eu nasci, deu para entender? Agora, os dois brigaram e... Já pensou que rolo vai ser, se eles resolverem casar de novo, cada qual com seu novo namorado ou namorada? Aí vou virar o dedo mindinho de todas.

Já estou quase reachando o sono... Ufa!

Ah, eu me chamo Mariana e, apesar de ser a mais nova – tenho dez anos –, acho que não sou muito importante, pois a mamãe também me deixou. Enquanto desfolho minha margarida (sou louca por isso!), fico tentando descobrir o que vai acontecer.

Minhas irmãs disseram que ela vai voltar assim que acertar tudo no novo emprego. Estou me sentindo perdida. Afinal, sou a outra nas duas famílias.

Pense comigo, Pai do Céu: ela deixou as duas filhas dela que se eles se separarem vão ficar com ela, certo? Por outro lado, as filhas do papai vão ficar com ele. Bem me quer... Mal me quer...

E, como alegria de pobre dura pouco, como diz a vovó... Se eu ficar com o papai, fico com a Duda me atormentando. Ela diz que sou o resultado de uma simples continha de somar, diminuindo meu lugar dentro da família. No máximo, um ridículo denominador comum.

As outras me defendem dizendo que, como tenho o sangue de todos, sou o produto mais importante dessa *aritmética*. São uns anjos, pois adoro essa palavra e a matéria!



De qualquer forma, sou um problema, matemático ou não, e vou passar a vida sentindo saudade. Se eu ficar, vou sentir saudades da mamãe, da Ângela e da Carol. Bem-me-quer... Malmequer...

O sono está me pegando pelo pé, mas vou terminar meu raciocínio, senão o Senhor vai achar que, além de tudo, sou uma mal-educada. Se eu for, vou sentir saudades do papai, da Malu e da Duda, mesmo ela sendo uma pestinha e a unha encravada do meu dedão. Aí, né...

Fico na maior dúvida: E eu? Vou ou fico? E será que todos me querem? Ou será que...

Sou um produto com defeito igual à máquina de lavar da mamãe, que está dando um trabalhão para que venham consertar e ninguém vem? Será que...

Malmequer... Bem-me-quer... Quem me quer?

Alguém me quer?

O Senhor?!

Uau! Obrigada. Durma bem o Senhor também.

Boa noite.

Zzzzzzzz...



A velha dona Florzinha

Audelina Macieira

Uma senhora dos seus noventa anos, magra e usando um vestido comprido cor cinza, aparecia sempre às seis horas da noite na varanda de sua casinha, que ficava na Ladeira do Abacate, em frente ao mercadinho do seu Joel. O mercadinho, nesse horário, ainda estava aberto e nele vendiam-se muitas coisas importantes, como o pão e a manteiga. Dona Florzinha sentava-se ali, tranquila e sorridente; não demorava muito e chegava a menina, que brincava ali por perto, esperando a hora certa de ela aparecer. Daí todos corriam para sentar em seu batente e ouvir suas histórias mirabolantes. Eram muitas e, às vezes, davam um medo na gente; a menina até soltava alguns gritos.





Um dia de quarta-feira, ouvimos uma narrativa de uma história muito estranha. Dona Florzinha nos contou que, quando ela era criança, foi visitar seus avós em uma cidade que tinha por nome Terra Nova. Ela nos contou, tanto para mim como para meus amigos, de lá da rua, que esta cidade era encantada. Contou que a cidade tinha um caminho cheio de pedras de algodão, pois o chão, quando se pisava, afundava, acariciando os pés. E mais, que tinha uma rainha má, que morava em um castelo cheio de passarinhos presos numa gaiola gigante, pendurada no teto. E ela recebia ordens secretas desta tal rainha.

Eu ouvia e, quanto mais ouvia, meus cabelos arrepiavam, mas não conseguia parar o meu ímpeto de curiosidade. Ainda na mesma história, dizia ela, nos encantando com sua narrativa, que Terra Nova escondia um tesouro encantando.

Eu ali, querendo descobrir o tesouro, imaginando-me um grande detetive, não segurava a língua a perguntar onde ficou o mapa do tesouro. Dona Florzinha me respondia: “O mapa não pode ser tocado por mãos maldosas; só um coração puro pode tocar o mapa”. E ouvindo aquelas palavras, ficávamos satisfeitos, meus amigos e eu, julgando-nos um coração puro.

Era uma emoção estar ali sentado e retirando os meus pés do chão, voando igualzinho a um pássaro, ou um super-herói. Eu, naqueles dias de minha infância, podia ser o que quisesse: um gato ou um rato, um rei, ou um escravo. Imaginava um mundo que era particular, só meu. Os meus amiguinhos também eram do mesmo jeito e eu podia sentir as mesmas emoções que eles sentiam.

As histórias de dona Florzinha eram demais pra gente. Meninos pobres de frente para a



tristeza, era o que todos pensavam, mas nós éramos felizes, tínhamos um pão e o café na mesa e uma expectativa de vida que ia além. De dia estudávamos e à noite sabíamos que aquela velhinha amável guardava uma surpresa em cada história mirabolante, para traduzir as fantasias de nossas mentes de criança. Ela realmente sabia nos encantar e, assim, fazia uma festa em nossa consciência a nós levar a lugares que sonhávamos e, depois de ouvir sobre *Simbad, o marujo*, o sono era garantido.

Minha mãe dizia que dona Florzinha era um anjo abençoado. Ela conheceu dona Florzinha quando era mais jovem e trabalhava como professora na escola Ferreira Santos, aqui no centro da minha cidade. Como não se casou e nem teve filhos, vivia sozinha em sua casinha, na companhia de seu gato Josué. Dona Florzinha era uma espécie de avó, não só para mim, mas para

toda garotada que, assim como eu, morava perto de sua casa e não perdia por nada suas histórias mirabolantes.

Nos anos 1980, não existiam computadores e muitas famílias ainda não tinham televisão em casa, então nossa brincadeira era pular corda, chicotinho-queimado, barra-manteiga, capitão e outras aventuras, jogar bola, correr e contar piadas... Mas, ainda assim, o melhor era ouvir as narrativas da inesquecível dona Florzinha.

O tempo passava e eu sempre batia na mesma tecla, perguntando sobre o tesouro de Terra Nova. Ficava esperando a estrela da rua aparecer para me dizer o caminho do mapa, mas, como sempre, as noites se passavam e ela dava um jeito de enganar a gente, dizia que o tesouro era guardado por um guardião severo, um cão com quatro orelhas que falava e estava em um ponto de uma floresta, dentro de uma passagem secreta que



vieram me visitar. Fiquei muito feliz. Até hoje guardo na boca o gosto da felicidade de estar de volta.

Eu, um menino de nove anos, com tantos sonhos e tantos projetos para o futuro, sabia que o maior deles era encontrar o tesouro da Terra Nova, para depois comprar uma casa bem grande para minha mãe. Só estava esperando dar seis horas da noite para ver minha avó, dona Florzinha, e pedir a ela o endereço da tal cidade. Quando a noite chegou, vi as horas envelhecerem no tempo e nada de dona Florzinha aparecer na sua porta. Não vi seu banco, nem a meninada. Todos estavam em suas casas, achei muito estranho, mas ignorei. Fui até a sua porta e bati, bati, depois comecei a chamar seu nome:

— Dona Florzinha... Dona Florzinha, abra!
Eu já cheguei!

Na minha angústia, insistia





— Por favor, abra a porta, dona Florzinha!
Sou eu! Já cheguei.

O vizinho, sr. Valdemar, gritou:

— Menino, dona Florzinha morreu já faz
duas semanas. Vá para casa.

Saí andando devagar, sem entender o que aconteceu realmente, já que me recusava a acreditar naquele homem incomodado com minha presença ali, em frente à porta da casa da criatura mais encantadora que conheci na minha vida. Devagar, caminhava procurando uma razão para aquela loucura toda. Foi quando encontrei um amiguinho que me disse que dona Florzinha soube que eu estava doente e ficou também triste, perguntou por mim, queria me visitar, mas estava já há uns dias bem debilitada. Ela também teve febre e dor de cabeça, assim como eu, mas ela era mais velha e não resistiu.

Naquele momento, comecei a pensar em tudo que ela havia me dito naquele último ano, seus conselhos, sua autoridade de avó, tão afável, tão amiga. Todos tinham por ela muito respeito, todos queriam ouvir suas histórias e se divertir, pois ela tinha o dom de encantar as crianças. E eu, naquela noite, fui dormir mais velho, sentindo a responsabilidade bater à minha porta.

Até eu perceber que nunca existiu um tesouro de verdade na cidade de Terra Nova demorou muito tempo, mas acabei por entender que o verdadeiro tesouro existe dentro de nós mesmos e é o amor, a amizade e todos os sentimentos que carregamos no coração. Esse é o maior tesouro do mundo! E o mapa para encontrar esse tesouro está na nossa infância, no que aprendemos e cultivamos.



Uma razão para existir

Tatiane Monteiro da Cruz

Era uma vez, uma Rosa muito vermelha. A mais bela flor do jardim de D. Clara. De todas as outras flores. A Orquídea era sua melhor amiga. Foi ela quem lhe ensinou que cada um possui uma razão para existir:

— Nós, as flores, existimos para alegrar o jardim, perfumar o ar, alimentar as abelhas e algumas de nós até servem de remédio para as doenças humanas – dizia a Orquídea. – Mas cada uma de nós é diferente, mesmo pertencendo a uma mesma planta.

E a Rosa, admirada com as palavras da Orquídea, passou a observar melhor a natureza ao seu redor. E qual foi a sua surpresa ao reparar que havia uma enorme variedade de outras flores, dos mais diversos tamanhos e cores, cada qual





desempenhando sua função na mais perfeita harmonia.

E a Rosa, curiosa, perguntou:

— Mas por que só a natureza é harmônica e o ser humano não? Ora, não faz parte ele também?

E a Orquídea, com paciência, respondeu:

— Sim, minha cara, é verdade. O ser humano faz parte da natureza. Porém não soube aproveitar os benefícios. Então, vive em um mundo de completa desarmonia, cheio de guerras e desentendimentos. Somente aqueles que compreendem sua verdadeira razão de existir, estes sim, encontram a paz.

— E qual é a razão da existência do humano? – perguntou a Rosa, ao que a Orquídea respondeu:

— Cuidar da natureza, de si mesmo e de seus semelhantes, com sabedoria e amor para que, nas gerações futuras, possam-se colher os bons frutos que hoje se plantaram!



A queda

Geraldo Trombin

Juquinha levou um baita de um susto com aquele estrondo na sala. A tevê não era, estava desligada. Foi num pé... e voltou no outro, aflito. Passou correndo pelo papai e a mamãe, direto para o seu quarto. Abriu rápido o armário e se vestiu todo de branco. Retirou do caixote de brinquedos a sua ambulância e vapt-vupt... voltou entoando o angustiante barulho da sirene – uóóóóóó! – enquanto o seu coração batia num ritmo frenético: tum-tum, tum-tum, tum-tum! Tudo isso em pouquíssimos minutos, pois sabia o que estava em jogo: a vida de um grande amigo.



Papai e mamãe, estranhando a movimentação, espiam o que ele estava fazendo: prestando os primeiros socorros à vítima – o livro do Pequeno Príncipe que havia despencado lá do alto da estante.

Exemplo para a vida

Wilson Duarte

— Onde estás que não te vejo,
minha linda netinha,
pois quero hoje te ensinar
a cuidar de sua bonequinha.

Escondida em um canto,
brinca, com a vovó, a netinha,
pois sabe, perfeitamente,
gostar também de brincar, a avozinha.

Sabe, a vovó, onde a neta está,
mas finge não saber da menininha.
Faz que está à sua procura,
continuando, a neta, escondidinha.





Porém, de repente, num salto,
surge em sua frente a netinha.
A idosa, então, finge surpresa,
brincando, também, a vovozinha.

A seguir pega, em seu armário,
tecido, tesoura, agulha e linha,
no intuito de ensinar algo
muito importante à netinha.

Diz-lhe então com todo amor:
— Traga-me sua bonequinha,
pois vamos nós duas fazer,
para ela, uma roupinha.

Com amor e com afeto,
ensina-a a colocar, na agulha, a linha
para costurar o tecido
da nova roupa da bonequinha.

Costura daqui, costura dali,
vai tomando forma a roupinha.
A neta diz, entusiasmada:
— Ficará linda a boneca minha.

Vestida com a nova roupa,
a neta abraça sua bonequinha
e agradece com um beijo
no rosto da vovozinha.

Este  um exemplo que fica
para a vida de sua netinha.
Ainda que simplesmente fazer,
para a boneca, uma roupinha...



A poesia infantil

Roque Aloisio Weschenfelder

Um sorriso do sol
Um abraço da lua
Uma boneca de pano
Uma bola de borracha

A poesia infantil
Não precisa de versos
Pode ser sem estrofes
É pura brincadeira

Dançam os fantoches
Soldadinhos de chumbo
Em luta pela posição
E uma sublime canção





Brincadeira de roda

Lá no parquinho



Onde a família é grande

Com os filhos únicos



A escolinha ensina

Convívio fraterno

Simula amor materno



E a presença de um pai

A infância não dura



Toda criança cresce

Viaja no faz de conta

Vive seu tempo feliz



A poesia infantil

É a vida sempre ativa

Os ditos inesperados



E a festa dos avós

Estrelas de açúcar cristal

Érica de Oliveira

Olhinhos de cristal,
doces como o açúcar
brilham para o céu,
desejando ser de lá.

Voa, estrelinha!
Busca o seu lugar lá em cima!
Toda inocente,
afasta os pés do chão.

Como em toda brincadeira,
faz de conta que é fantasia:
vibra, canta, ri e pula,
bagunça, mexe e saltita.





Mas não esquece nunca o brilho
que vem do céu, que vem de dentro
e enuncia a todo momento
que ser criança é surreal.

Sobre os autores

Audelina Macieira: Nasceu em 7 de junho de 1974, na cidade de Cachoeira (BA). Vive e trabalha em Salvador (BA). Professora, escritora e poetisa. É licenciada em Pedagogia (2009) e especialista em Neuropedagogia com Psicanálise (2012), pela instituição Fundação Visconde de Cairu (FVC). É membro da União de Escritores da Bahia (UBESC) e da Confraria de Poetas pela Paz (CAPPAZ). Divulga seus trabalhos literários em grupos na internet e em diversos jornais e revistas. Contato: linamacieira@hotmail.com.

Edih Longo: é formada em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É atriz de Teatro, fazendo parte do Grupo “Arte in Cena” do Clube Paineiras do Morumbi. Faz parte do Clube de Leitura do mesmo estabelecimento social. É dramaturga, romancista, poeta, contista e cronista. Já ganhou alguns prêmios nestas modalidades e, foi agraciada recentemente em três primeiros lugares (poesia, conto, dramaturgia) e no terceiro lugar (romance juvenil) pela UBE (União Brasileira de Escritores) do Rio de Janeiro. Contato: edillongo@yahoo.com.br.

Geraldo Trombin: É publicitário, ex-colunista dos blogs ContemporArtes e BDE (Bar do Escritor) e colaborador do jornal *O Liberal*, de Americana/SP. Lançou em 1981 *Transparecer a Escuridão*, produção independente de poesias e crônicas, e em 2010 *Só Concurados – diVersos poemas, crônicas e contos premiados*. Tem classificações em inúmeros concursos literários realizados em várias partes do país e também em Portugal, além de trabalhos publicados em jornal e diversas antologias. Contato: gtrombin@terra.com.br.

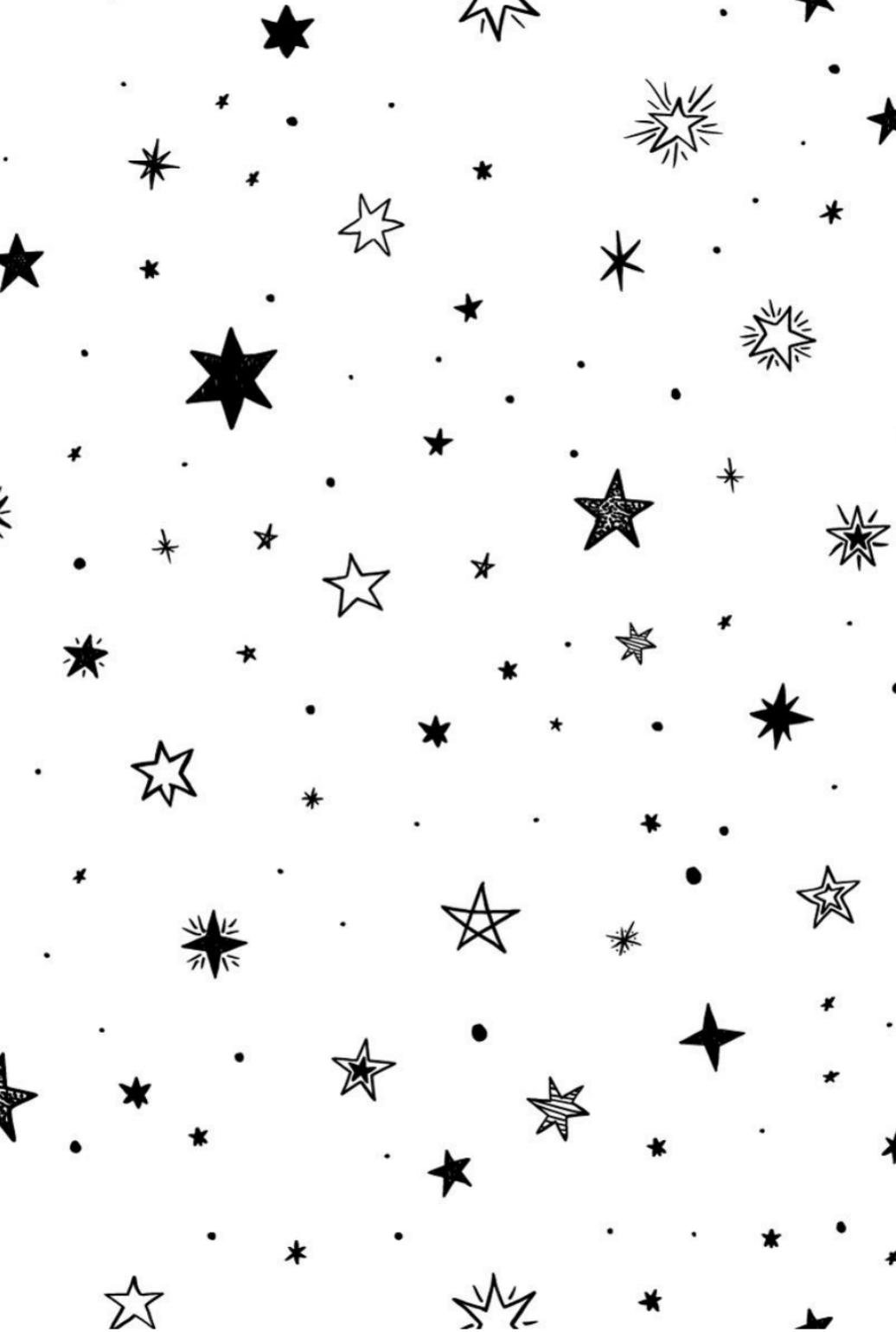
Roque Aloisio Weschenfelder: Natural de Santo Cristo – RS, reside em Santa Rosa – RS. Tem 69 anos de idade, é graduado em Letras e professor aposentado. Autor de mais de uma dezena de livros literários e didáticos; integra cerca de 150 antologias textuais no Brasil e em Portugal; é multipremiado em quase 200 concursos literários, tendo obtido prêmios de destaque como a Viagem Nestlé Pela Literatura em 2002. Ainda atua como revisor textual, consultor de publicação para novos autores, palestrante e orientador de acadêmicos quanto a textos que necessitam publicar. Contato: *roquealoisio@yahoo.com.br*.

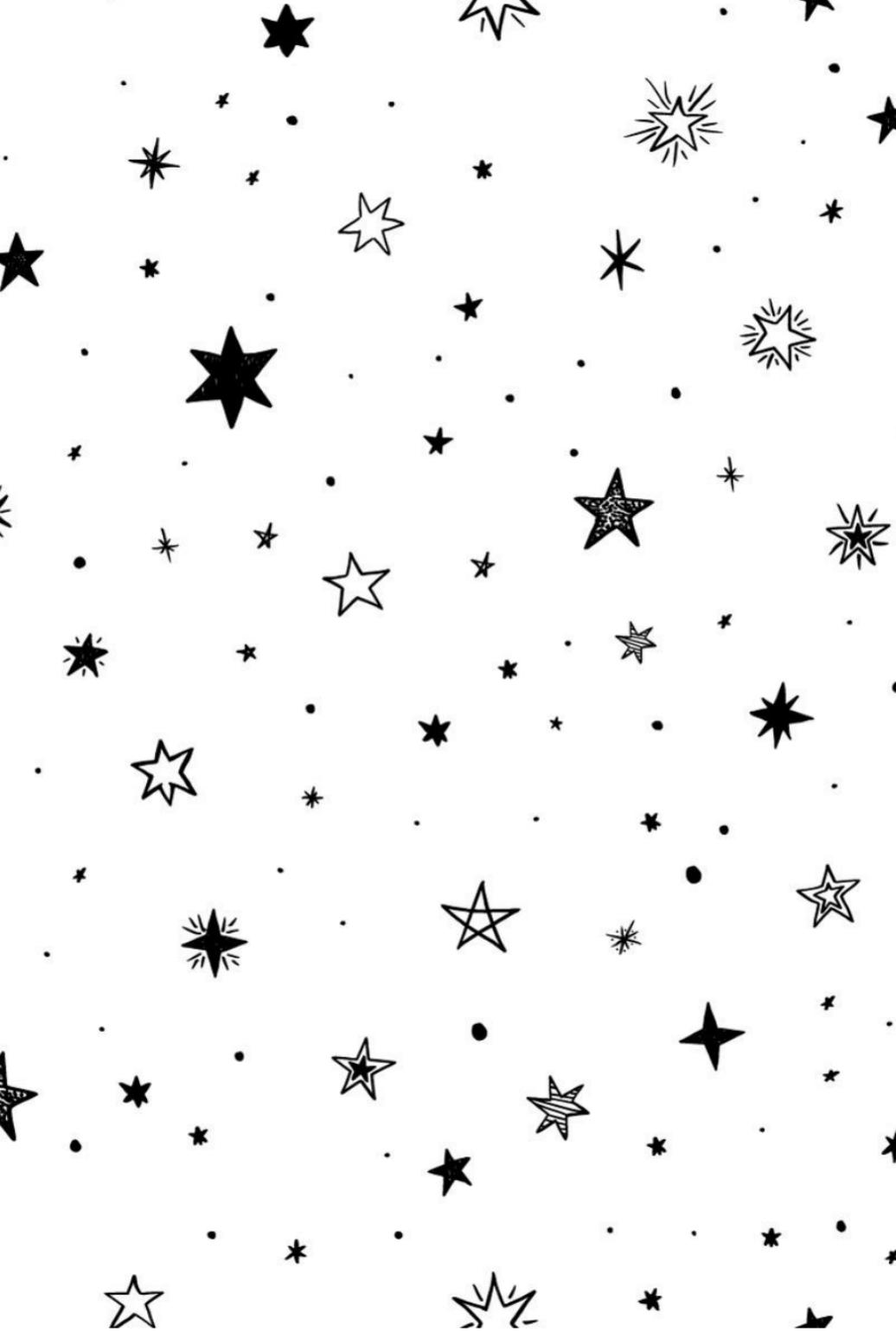
Tatiane Monteiro da Cruz: É doutoranda em Comunicação na Universidade Anhembi Morumbi e mestra em Comunicação pela mesma instituição. Graduada em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina, tem especialização em Neurociência e Psicologia Aplicada, em Libras e em Língua Portuguesa e Literatura. Contato: *tatymc3@hotmail.com*.

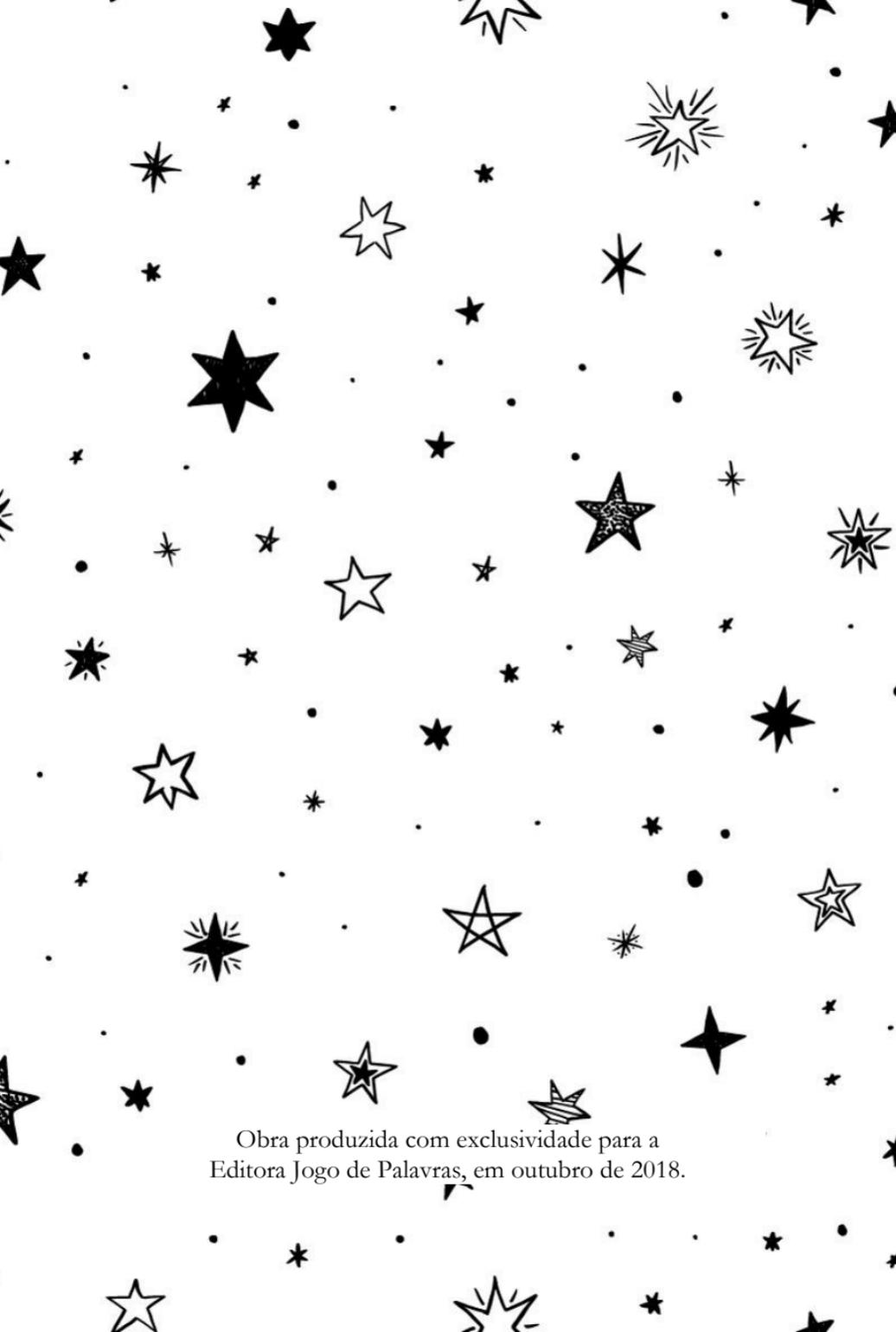
Wilson Duarte: Graduado em Comunicação social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing/SP. Participa regularmente de antologias publicadas pela AEPTI – Associação dos Escritores, Poetas e Trovadores de Itatiba/SP, pela Litteris Editora/RJ e pela Editora Jogo de Palavras/SP. Teve também trabalho de Mestrado publicado no livro *Comunicação e Sociedade, Volume 1*, da Cortez Editora e anteriormente foi correspondente no Brasil da revista *KO Mundial*, editada na Argentina. Contato: *widuf@bol.com.br*.

Sobre a organizadora

Érica de Oliveira: Nascida em 03 de fevereiro de 1992, é formada em Letras: Português, Inglês e Respektivas Literaturas, pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio. Trabalha como prestadora de serviços editoriais e é responsável pelo setor de antologias da Editora Jogo de Palavras. Contato: *oliveira.erica0302@botmail.com*.





The background of the entire page is a dense, scattered pattern of black stars and dots of various sizes and shapes. Some stars are simple outlines, some are solid black, and some have multiple points or radiating lines, resembling snowflakes or starbursts. The dots are small and solid black. The pattern is distributed evenly across the white background.

Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em outubro de 2018.